

FEZ

**ELITE**  
**PRÉ-VESTIBULAR**  
**c a m p i n a s**

**Aprovou!**

Elite Resolve

**UNESP 2013**

**CONHECIMENTOS  
ESPECÍFICOS**

**Línguas**

**[www.elitecampinas.com.br](http://www.elitecampinas.com.br)**

AS melhores **resoluções de vestibulares** da internet

**LÍNGUA PORTUGUESA**

**Texto**

Instrução: As questões de números 25 a 28 tomam por base uma crônica de Clarice Lispector (1925-1977) e uma passagem do *Manual do Roteiro*, do professor de Técnica do roteiro, consultor e conferencista Syd Field.

*Escrever*

*Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.*

*Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação.*

*Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.*

*Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem. Fico assim à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos.*

*Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros.*

*(Clarice Lispector. A descoberta do mundo, 1999.)*

*Escrevendo o roteiro*

*Escrever um roteiro é um fenômeno espantoso, quase misterioso. Num dia você está com as coisas sob controle, no dia seguinte sob o controle delas, perdido em confusão e incerteza. Num dia tudo funciona, no outro não; ninguém sabe como ou por quê. É o processo criativo; que desafia análises; é mágica e maravilha.*

*Tudo o que foi dito ou registrado sobre a experiência de escrever desde o início dos tempos resume-se a uma coisa — escrever é sua experiência particular, pessoal. De ninguém mais.*

*Muita gente contribui para a feitura de um filme, mas o roteirista é a única pessoa que se senta e encara a folha de papel em branco.*

*Escrever é trabalho duro, uma tarefa cotidiana, de sentar-se diariamente diante de seu bloco de notas, máquina de escrever ou computador, colocando palavras no papel. Você tem que investir tempo.*

*Antes de começar a escrever, você tem que achar tempo para escrever.*

*Quantas horas por dia você precisa dedicar-se a escrever?*

*Depende de você. Eu trabalho cerca de quatro horas por dia, cinco dias por semana. John Millius escreve uma hora por dia, sete dias por semana, entre 5 e 6 da tarde. Stirling Silliphant, que escreveu *The Towering Inferno* (*Inferno na Torre*), às vezes escreve 12 horas por dia. Paul Schrader trabalha com a história na cabeça por meses, contando-a para as pessoas até que ele a conheça completamente; então ele “pula na máquina” e a escreve em cerca de duas semanas. Depois ele gastará semanas polindo e consertando a história.*

*Você precisa de duas a três horas por dia para escrever um roteiro.*

*Olhe para a sua agenda diária. Examine o seu tempo. Se você trabalha em horário integral, ou cuidando da casa e da família, seu tempo é limitado. Você terá que achar o melhor horário para escrever. Você é o tipo de pessoa que trabalha melhor pela manhã? Ou só vai acordar e ficar alerta no final da tarde? Tarde da noite pode ser um bom horário. Descubra.*

*(Syd Field. Manual do roteiro, 1995.)*

**QUESTÃO 25**

Clarice Lispector coloca inicialmente o processo da criação literária como uma *maldição*. Em seguida, ressalva que é também uma *salvação*.

Com base no texto da crônica, explique como a autora resolve essa diferença de conceitos sobre a criação literária.

**Resolução**

O candidato deveria identificar no texto como Clarice Lispector trata a questão da *maldição* (segundo parágrafo) e como trata a *salvação* (terceiro parágrafo). Clarice Lispector resolve a diferença entre *maldição* e *salvação* ressaltando que escrever “é uma maldição, mas uma maldição que salva”. Assim, é reforçada a ideia de que, apesar

de escrever ser penoso “porque obriga e arrasta”, também faz com que aquele que escreve compreenda a si e ao mundo, já que “escrever é procurar entender”. Se a pessoa não escrevesse, também sofreria, talvez até mais do que escrevendo, por ter um sentimento “vago e sufocador” que só seria compreendido quando expresso na escrita, pois escrever “salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva”.

**QUESTÃO 26**

*Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem.*

Explique, com base no primeiro parágrafo do texto *Escrevendo o roteiro*, se Syd Field concorda com esta afirmação de Clarice Lispector.

**Resolução**

Ao pensar sobre a concordância entre uma tese e outra, é necessária ao candidato a leitura cuidadosa das escolhas lexicais de cada um dos autores e colocá-los em situação comparativa.

Clarice, ao mencionar a questão da inspiração (no contexto, é identificável pela expressão “quando a ‘coisa’ vem”), defende a ideia de que escrever deve ser um processo criativo livre, não uma imposição ou fruto de um trabalho maçante e forçado.

Syd Field, embora defenda no texto a ideia de que a mesma concepção sobre como pode ocorrer o ato de escrever e de produção criativa nunca servirá homogeneamente para todos, parece concordar com Clarice no primeiro parágrafo de seu texto. É possível notar esta concordância na medida em que se identifica a questão da oscilação da inspiração como o “controle” sobre o que se cria (“Num dia você está com as coisas sob controle, no dia seguinte sob o controle delas (...)”) e, a seguir, a concepção de que este é um processo comum (“Num dia tudo funciona, no outro não; ninguém sabe como ou por quê.”). Também em (“...”) é mágica e maravilha”, vemos que Field atribui grandemente à inspiração a responsabilidade dos resultados da dedicação ao processo de composição, pois que esta seria o “maravilhoso” resultado do “mágico” processo.

**QUESTÃO 27**

*Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance.*

Ao empregar na frase apresentada o advérbio *eventualmente*, o que revela Clarice Lispector sobre a criação de um conto ou romance?

**Resolução**

O advérbio “eventualmente” significa que o acontecimento depende de um acontecimento incerto, que demonstra casualidade, incerteza, ou seja, pode ser possível, mas ainda é incerto. Logo, ao empregá-lo, Clarice Lispector revela que não tem certeza de que aquilo que escreve vai realmente ser um conto, um romance ou sequer se vai ser qualquer coisa acabada. Ao começar a escrever, a pessoa que escreve não saberia aonde chegaria, a criação poderia dar certo ou não.

**QUESTÃO 28**

No sétimo parágrafo do texto de Syd Field, que informação o autor passa ao aprendiz de roteirista com os diversos exemplos que apresenta?

**Resolução**

Segundo Field e em suas próprias palavras: “Tudo o que foi dito ou registrado sobre a experiência de escrever desde o início dos tempos resume-se a uma coisa — escrever é sua experiência particular, pessoal”. Desta forma, ao apresentar uma série de figuras importantes e o método criativo de cada uma delas, Field objetiva mostrar ao leitor (ao aprendiz de roteirista) que cada um desses processos é fruto de uma adaptação à rotina e à disposição de quem escreve, devendo este indivíduo ser o responsável por traçar o melhor meio para si.

**Texto**

Instrução: As questões de números 29 a 32 tomam por base uma passagem do romance *Canaã*, de Graça Aranha (1868-1931), e uma tira de Henfil (1944-1988).

*Canaã*

— Hoje — disse Milkau quando chegaram a um trecho desembarçado da praia —, devemos escolher o local para a nossa casa.

— Oh! não haverá dificuldade, neste deserto, de talhar o nosso pequeno lote... — desdenhou Lentz.

— Quanto a mim, replicou Milkau, uma ligeira inquietação de vago terror se mistura ao prazer extraordinário de recomeçar a vida pela fundação do domicílio, e pelas minhas próprias mãos... O que é lamentável nesta solenidade primitiva é a intervenção inútil do Estado...

— O Estado, que no nosso caso é o agrimensor Felicíssimo...

— Não seria muito mais perfeito que a terra e as suas coisas fossem propriedade de todos, sem venda, sem posse?

— O que eu vejo é o contrário disto. É antes a venalidade de tudo, a ambição, que chama a ambição e espraia o instinto da posse. O que está hoje fora do domínio amanhã será a presa do homem. Não acreditas que o próprio ar que escapa à nossa posse será vendido, mais tarde, nas cidades suspensas, como é hoje a terra? Não será uma nova forma da expansão da conquista e da propriedade?

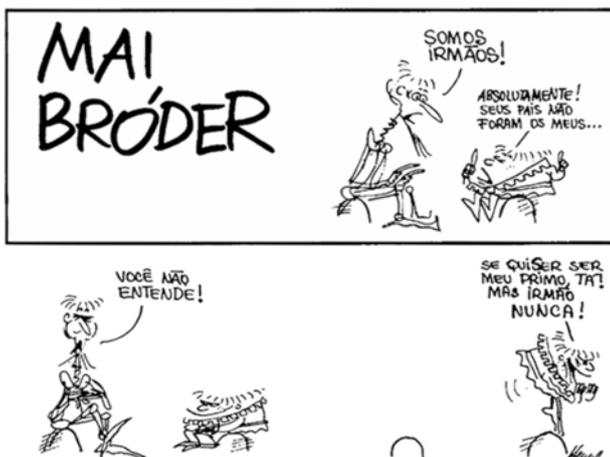
— Ou melhor, não vêes a propriedade tornar-se cada dia mais coletiva, numa grande ânsia de aquisição popular, que se vai alastrando e que um dia, depois de se apossar dos jardins, dos palácios, dos museus, das estradas, se estenderá a tudo?... O sentimento da posse morrerá com a desnecessidade, com a supressão da ideia da defesa pessoal, que nele tinha o seu repouso...

— Pois eu — ponderou Lentz —, se me fixar na ideia de converter-me em colono, desejarei ir alargando o meu terreno, chamar a mim outros trabalhadores e fundar um novo núcleo, que signifique fortuna e domínio... Porque só pela riqueza ou pela força nos emanciparemos da servidão.

— O meu quinhão de terra — explicou Milkau — será o mesmo que hoje receber; não o ampliarei, não me abandonarei à ambição, ficarei sempre alegremente reduzido à situação de um homem humilde entre gente simples. Desde que chegamos, sinto um perfeito encantamento: não é só a natureza que me seduz aqui, que me festeja, é também a suave contemplação do homem. Todos mostram a sua doçura íntima estampada na calma das linhas do rosto; há como um longínquo afastamento da cólera e do ódio. Há em todos uma resignação amorosa... Os naturais da terra são expansivos e alvissareiros da felicidade de que nos parecem os portadores... Os que vieram de longe esqueceram as suas amarguras, estão tranquilos e amáveis; não há grandes separações, o próprio chefe troca no lar o seu prestígio pela espontaneidade niveladora, que é o feliz gênio da sua raça. Vendo-os, eu adivinho o que é todo este País — um recanto de bondade, de olvido e de paz. Há de haver uma grande união entre todos, não haverá conflitos de orgulho e ambição, a justiça será perfeita; não se imolarão vítimas aos rancores abandonados na estrada do exílio. Todos se purificarão e nós também nos devemos esquecer de nós mesmos e dos nossos preconceitos, para só pensarmos nos outros e não perturbarmos a serenidade desta vida...

(Graça Aranha. *Canaã*, 1996.)

Mai Bróder



(Henfil. *A volta do Fradim: uma antologia histórica: charges*, 1994.)

**QUESTÃO 29**

Em sua última fala no fragmento do romance *Canaã*, coerentemente com o que manifestou nas falas anteriores, a personagem Milkau, ao informar o que pretende fazer com seu quinhão de terra, acaba expressando sua própria concepção de mundo. Leia essa fala e faça uma síntese dessa concepção da personagem.

**Resolução**

O candidato deveria identificar os principais valores defendidos por Milkau em sua última fala, os quais seriam alteridade, humildade e serenidade. A concepção de mundo de Milkau, revelada principalmente por sua última fala no fragmento, considera que se deve pensar nos outros – “Todos se purificarão e nós também nos devemos esquecer de nós mesmos e dos nossos preconceitos, para só pensarmos nos outros e não perturbarmos a serenidade da vida...”. Ser egoísta e ambicioso geraria ódio e rancor e, com eles, conflitos e injustiça; enquanto sendo humilde e simples, “há de haver uma grande união entre todos, não haverá conflitos de orgulho e ambição, a justiça será perfeita; não se imolarão vítimas aos rancores abandonados na estrada do exílio”. Assim, o homem poderia levar uma vida tranquila e sentir encantamento com a natureza e também com “a suave contemplação do homem”.

**QUESTÃO 30**

— O que eu vejo é o contrário disto. É antes a venalidade de tudo, a ambição, que chama a ambição e espraia o instinto da posse.

Tomando por base o contexto do diálogo e as outras manifestações de Milkau, aponte o argumento que é defendido por Lentz nesta fala.

**Resolução**

Seguindo as instruções da própria questão, volta-se ao contexto do diálogo: este é o momento em que Milkau aponta sua utopia de mundo, ou seja, pensa que a perfeição poderia ser alcançada se todos vivessem como iguais, sem experienciar a ideia de posse ou a de “venda”.

A fala de Lentz, que se inicia em resposta à de Milkau, serve como forma de demonstrar uma questão anterior ao que este demonstra pensar e que inviabiliza já a idealização de um mundo como o descrito: a natureza humana.

Para Lentz, conforme fica evidente no contexto, está na natureza do homem a ambição e a posse de bens que lhe pertençam, natureza esta que aparece argumentada em: “O que está hoje fora do domínio amanhã será presa do homem.”, o que evidencia seu caráter intrínseco. Ou seja, por mais que se busque tornar igualitária a posse e o uso de terras, de propriedades em geral, é inevitável a ação de tal instinto ambicioso e do “instinto de posse”.

Finalmente, ao pensamento de Milkau, Lentz lança a pergunta: “Não será uma nova forma da expansão da conquista e da propriedade?”, demonstrando uma incredulidade quanto às intenções do próprio homem, que sempre poderá ter, por trás de boas atitudes, ideias negativas, exploratórias e dominadoras. Fica claro, assim, que Milkau quer pensar o mundo como ele poderia ser, enquanto que Lentz pensa o mundo como ele é: mediado por homens de inúmeros defeitos e ambições.

**QUESTÃO 31**

Estabeleça uma relação entre as opiniões das personagens da tira de Henfil e as das personagens de *Canaã*.

**Resolução**

As opiniões das personagens Cumprido e Baixim, da tira de Henfil, correspondem respectivamente às de Milkau e Lentz.

Cumprido e Milkau parecem ansiar por um mundo em que a propriedade privada seja menos importante do que a harmonia entre as pessoas. Milkau, em seu discurso, afirma claramente que as pessoas humildes daquela região vivem em paz, e atribui isso indiretamente ao fato de haver relativamente pouca ambição entre os locais (*Há em todos uma resignação amorosa*). Da mesma forma, podemos observar o frade Cumprido afirmando que, de acordo com a lei divina, todos são irmãos, o que supõe uma possibilidade de vida mais harmoniosa.

Também é possível estabelecer um paralelo entre as personagens Baixim, da tira de Henfil, e Lentz, do romance de Graça Aranha. Em ambos os casos, os discursos fazem referência a valores materiais. Lentz diz que a única maneira de se livrar da servidão é adquirir poder e riqueza e defende que tudo o que existe será eventualmente transformado em mercadoria, enquanto Baixim se opõe firmemente à ideia de que todos são irmãos e vê como única razão para a insistência de Cumprido nessa tese um possível interesse por bens materiais (no caso, a herança de Baixim). Ou seja, tanto Baixim quanto Lentz não apenas atribuem enorme valor aos bens materiais, mas também projetam suas próprias características em outras pessoas.

Também é possível observar que as visões de Cumprido e Milkau se revestem de uma aura utópica, imaterial: Cumprido justifica o fato de que todos são irmãos invocando a 'lei divina', enquanto Milkau aponta para o futuro as suas esperanças, afirmando que tudo seria mais perfeito se não houvesse propriedade privada e prometendo tomar uma atitude coerente com tal visão.

Por outro lado, tanto Baixim quanto Lentz se voltam muito mais a aspectos práticos e materiais: não apenas materiais no aspecto econômico, mas também no sentido de 'palpável' e 'observável'. Lentz, por exemplo, não nega a beleza do futuro sonhado por Milkau; ele argumenta, no entanto, que essa utopia é impraticável, dada a ambição natural do homem, que venderá e comprará tudo que existe. A personagem de Henfil, por sua vez, usa um argumento extremamente lógico para negar a relação fraterna com Cumprido: "seus pais não foram os meus".

**QUESTÃO 32**

Tomando como referência o sistema ortográfico, explique por que o cartunista Henfil, ao apontar, com intenção irônica, a expressão inglesa *my brother*, colocou o acento agudo em *Bróder*.

**Resolução**

Com "sistema ortográfico", a questão se refere a regras de acentuação. No caso, a palavra "bróder" seria uma paroxítona terminada em R que, assim como "mártir" ou "fêmur", seria acentuada. Se não houvesse o acento, a palavra seria uma oxítona terminada em R, como "morrer" ou "prazer". Nesse caso, a pronúncia não remeteria ao termo "brother" do inglês.

**INGLÊS****Texto**

Instrução: Leia o texto e responda, em português, às questões de números 33 a 36.

On Solidarity: Who is helped when someone is helped?

*There comes a time*

*When we heed a certain call*

*When the world must come together as one*

*There are people dying*

*And it's time to lend a hand to life*

Poverty, starvation, diseases, among other social problems, still make many people suffer in different parts of the world, despite the advances in agricultural developments, in medicine and in technology. And, as pointed out in the verses above, from the song *We are the world* ([www.lyrics007.com](http://www.lyrics007.com)), *there comes a time when we heed a certain call / when the world must come together as one*. It seems, however, that such time is and will always be the present time, since there has always been people dying, people suffering physical and psychological oppression. Conversely, aid is always and continuously necessary.

Fortunately, a number of charities and non-governmental organizations have put forward campaigns to help the populations in poor areas of our planet, to *lend a hand to life*. This is a way through which food, money and medical help can be provided and thus counterbalance the suffering faced by the ill, the homeless, the poor. And providing aid to these less fortunate populations can be seen, according to the same song, as *the greatest gift of all*. The song continues, saying that

*We can't go on pretending day by day*

*That someone, somehow will soon make a change*

*We are all a part of God's great big family*

*And the truth, you know, love is all we need*

The call for help and the claim for responsibility towards the needs of the poor is made to every human being, then everybody should do something because *we are all a part of God's great big family*.

My question is, in fact, what reasons really motivate us to help other people? To what extent are we motivated by the arguments presented in the song? Or are there other reasons involved in solidarity?

The chorus tells us that

*There's a choice we're making*

*We're saving our own lives*

*It's true we'll make a better day, just you and me*

but I would question such choice as motivated by the desire for a better world that includes everybody, a world with no big social differences. Perhaps that we actually see solidarity as a way to literally save our own lives, and that *you and me* would not include as many people as it should. Rather than thinking about so many people who need help, we engage in charity and make donations for our own benefit, to build up an image of solidarity from which we could end up as beneficiaries. Not to feel guilty, to sort of "buy a place in heaven".

We certainly need more than romantic love to commit ourselves to true solidarity.

**QUESTÃO 33**

De acordo com o texto, o que cada ser humano é encorajado a fazer, e com base em quais argumentos? Cite dois desses argumentos.

**Resolução**

Cada ser humano é encorajado a considerar (heed) o chamado por ajuda (call for help) e a reivindicação (claim) pela responsabilidade em relação às (towards) necessidades dos pobres (the needs of the poor): pobreza (poverty), fome extrema (starvation), doenças (diseases), entre outros problemas sociais.

O candidato deveria escolher dois entre os argumentos abaixo:

- O fato de haver sempre pessoas morrendo, sofrendo opressões físicas e psicológicas e que, contrariamente (conversely) ao que diz a música, a ajuda (aid) é sempre e continuamente necessária. A música, por outro lado, menciona que chega uma época (there comes a time) em que devemos estender a mão à vida (... to lend a hand to life).

- Apesar dos avanços da agricultura, da medicina e da tecnologia, ainda há pobreza (poverty), fome extrema (starvation), doenças (diseases), entre outros problemas sociais.

- Uma série de caridades tem sido feita, e organizações não governamentais têm feito campanhas para ajudar as populações das áreas pobres do nosso planeta.

- Todos deveriam fazer algo porque somos todos parte da grande família de Deus (*we are all part of God's great family*).

**QUESTÃO 34**

Qual o significado da expressão *the greatest gift of all*? A que essa expressão se refere?

**Resolução**

A expressão "*the greatest gift of all*" significa o maior presente ou a maior dívida de todos. Esta expressão se refere à oportunidade que temos em prover ajuda alimentar, financeira e médica aos menos afortunados, podendo portanto equilibrar o sofrimento enfrentado pelos doentes, desabrigados e pobres.

(*This is a way through which food, money and medical health can be provided and thus counterbalance the suffering faced by the ill, homeless, the poor and providing aid to these less fortunate populations*).

**QUESTÃO 35**

Qual o significado da frase *buy a place in heaven*, no penúltimo parágrafo, e como se relaciona com o conteúdo do texto?

**Resolução**

A frase "*buy a place in heaven*" significa "Comprar um lugar no céu/paraíso". Tal expressão idiomática relaciona-se de forma antagônica ao argumento do primeiro e do segundo versos da música, que condiz com os primeiros parágrafos do texto, onde a solidariedade é vista como algo benevolente. Ao utilizar a expressão "comprar um lugar no céu", o autor do texto mostra a verdadeira intenção daquele que faz a solidariedade, ou seja, um ato essencialmente egoísta, pois ele está "comprando" o **seu** lugar no céu ao ajudar os necessitados.

**QUESTÃO 36**

Qual é a principal crítica apresentada pelo texto, e como a oração *We're saving our own lives* se encaixa nessa crítica?

**Resolução**

A principal crítica apresentada no texto está neste trecho do último parágrafo: "*Rather than thinking about so many people who need help, we engage in charity and make donations for our own benefit, to build up an image of solidarity from which we could end up as beneficiaries.*" Traduzindo temos: "Em vez de pensarmos em tantas pessoas que precisam de ajuda, nós nos engajamos em caridade e fazemos doações para nosso próprio benefício, para criar uma imagem de solidariedade na qual nós poderíamos acabar como beneficiários." A oração: "*we're saving our own lives*", que significa "nós estamos salvando nossas próprias vidas", encaixa-se perfeitamente nesta crítica, pois menciona pessoas que ajudam os outros não por benevolência, mas para melhorar suas próprias imagens.

**REDAÇÃO**

**REDAÇÃO**

Proposição

Desde pequeno, você vem sendo submetido, na escola, à prática de escrever. Com o passar do tempo, as exigências se tornaram cada vez maiores para que você aumentasse a qualidade de seus textos e não demorou muito para perceber que lá adiante, no fim do túnel do Ensino Médio, haveria uma prova muito importante, com bom peso na nota: a redação no vestibular. Nesse trajeto, em muitos momentos, você se perguntou: Afinal, para que escrever? Para que fazer uma boa redação? Só para passar no vestibular? Na era da internet, para que eu tenho de aprender a redigir, se a comunicação visual funciona muito melhor? Eu não sou escritor, não preciso saber criar textos!

É isso o que você pensa mesmo? Ou são apenas desabafos? Pois chegou a hora de dizer realmente o que pensa sobre o escrever.

Para Clarice Lispector, escrever é maldição e salvação. Para Syd Field, é uma atividade profissional muito importante dentro da atividade geral da arte cinematográfica. E para você?

Com base nestes comentários, em sua própria experiência e, se achar necessário, levando em consideração os textos de Clarice Lispector e Syd Field, escreva uma redação de **gênero dissertativo**, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

Escrever: o trabalho e a inspiração.

**Resolução**

Tem sido recorrente em exames elaborados pela fundação Vunesp o estabelecimento de relações entre conceitos aparentemente opostos e autoexcludentes, mas entre os quais se pode encontrar um equilíbrio. Exemplos recentes foram os temas sobre graffiti (vandalismo ou arte) e bajulação (defeito ou virtude).

Novamente essa estrutura foi utilizada, embora de maneira um pouco diferente. O tema da redação Unesp 2013 foi "Escrever: o trabalho e a inspiração". Os conceitos de 'trabalho' e 'inspiração' poderiam ser considerados opostos por alguns leitores, mas a forma como foram apresentados (unidos pela conjunção 'e', em vez de 'ou') dá uma primeira pista de que a intenção da banca elaboradora não é um texto radical, que tome partido de um ou outro lado, e sim uma redação em que o autor admita a importância de cada um desses requisitos da escrita.

A proposição foi escrita de maneira mais pessoal do que normalmente ocorre. O texto faz perguntas diretas ao candidato sobre sua relação com a escrita, até em tom de 'provocação' (*É isso o que você pensa mesmo? Ou são apenas desabafos?*), antes de apresentar a frase-tema. Existe a possibilidade, assim, de a banca aceitar textos que

façam uso da primeira pessoa do singular, algo fora do padrão em textos dissertativos. Por outro lado, a tradição dos vestibulares da Unesp faz crer que a melhor abordagem seria mesmo a produção de uma dissertação impessoal.

Como subsídio para a elaboração do texto, a Unesp apresentou dois excertos sobre a escrita, de autoria da escritora ucraniana Clarice Lispector e do roteirista estadunidense Syd Fields. No primeiro, a autora afirma que a escrita é ao mesmo tempo uma maldição e uma salvação. Como comentado na análise da questão 25, essa aparente contradição se deve ao fato de que a escrita, embora cause um certo sofrimento, é talvez a única forma de o autor encontrar algum significado no caos da vida cotidiana.

O texto de Fields, que parte de um manual em que o autor orienta pessoas interessadas a ingressar na carreira de roteirista de cinema, é mais prático: por meio de exemplos, o autor explica que não existe uma forma única de escrever e que cada autor (ou futuro autor) precisa encontrar o próprio método.

A leitura atenta de ambos os textos permitiria ao candidato mostrar que a escrita é uma combinação de trabalho e inspiração. Não seria necessário criar uma tese extremamente original e nem propor uma solução para os problemas de escrita entre estudantes brasileiros. Também não seria recomendável escrever o texto todo apenas com base em experiências pessoais, sob o risco de fazer um 'desabafo' com estrutura distante da dissertação argumentativa tradicional.

## **Equipe desta resolução**

### **Português**

Cícero Gomes Jr.  
Tânia Toffoli  
Vanessa Bottasso Valentini

### **Inglês**

Kanu Kiran Deva  
Simone Buralli Rezende

### **Revisão**

Alfredo Terra Neto  
Vanessa Alberto

## **Digitação, Diagramação e Publicação**

Ana Luiza Brunetti  
José Maria Medeiros